

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO-SENSU EM PSICOLOGIA

FELIPE VIANNA PINHEIRO

O CONCEITO DE ESTABILIZAÇÃO NA CLÍNICA DAS PSICOSES:
DA SUPLÊNCIA À INVENÇÃO DE UM SUPLEMENTO

ORIENTADOR: PAULO VIDAL

NITERÓI

2013

FELIPE VIANNA PINHEIRO

O CONCEITO DE ESTABILIZAÇÃO NA CLÍNICA DAS PSICOSES:
DA SUPLÊNCIA À INVENÇÃO DE UM SUPLEMENTO

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Psicologia do
Departamento de Psicologia da
Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Psicologia

Orientador: Prof. Dr. PAULO VIDAL

NITERÓI

2013

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

P654 Pinheiro, Felipe Vianna.

O conceito de estabilização na clínica das psicoses: da suplência à invenção de um suplemento / Felipe Vianna Pinheiro. – 2013.

62 f.

Orientador: Paulo Vidal.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2013.

Bibliografia: f. 60-62.

1. Psicanálise. 2. Transtorno psicótico. 3. Invenção. I. Vidal, Paulo. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 616.8917

FELIPE VIANNA PINHEIRO

O CONCEITO DE ESTABILIZAÇÃO NA CLÍNICA DAS PSICOSES:

DA SUPLÊNCIA À INVENÇÃO DE UM SUPLEMENTO

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Psicologia do
Departamento de Psicologia da
Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Psicologia
Orientador: Prof^o. Dr^o Paulo Vidal

BANCA EXAMINADORA

PROF^o DR^o PAULO VIDAL

Orientador

PROF^a DR^a NURIA MALAJOVICH MUNOZ

Membro interno

PROF^a DR^a MARIA CRISTINA CANDAL POLI

Membro externo

PROF^a. Dra. DORIS RANGEL DIOGO

Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos meus analisandos, por terem me escolhido como analista. Sem eles nada deste trabalho teria o menor sentido.

Agradeço à loucura e à psicanálise. Molas mestres que me levaram ao desenvolvimento desta dissertação.

À Universidade Federal Fluminense. A este curso de Pós-graduação que decidi acolher o meu desejo em desenvolver esta dissertação.

Ao professor Paulo Vidal por ter apostado na ideia de que era possível o desenvolvimento desta dissertação, e por isso aceito o meu pedido de ser meu orientador nesse árduo trabalho. Me acolhendo sempre de forma tão sutil, me dando total liberdade para o desenvolvimento deste trabalho, e orientando sempre de forma cuidadosa e ao mesmo tempo afirmativa.

À minha família por ter me dado total apoio para que fosse possível minha dedicação exclusiva a essa dissertação. Apostando na importância que tem este trabalho para mim e para o campo da saúde mental.

Aos meus amigos que me acolheram nesse árduo trabalho que é a pesquisa. A construção, desenvolvimento e articulação entre a teoria e a prática.

Aos meus diversos colegas de trabalho. Dos diferentes lugares que passei e espaços que trabalhei. Colegas que sempre me apoiaram nesta minha proposta de desenvolver essa dissertação.

À Lídia Levy, Enaide Barros e Ana Cristina Figueiredo que foram minhas supervisoras, da conclusão da graduação (2004) até os dias atuais. Que sempre me ajudaram muito a pensar as relações entre a teoria e prática e a construir esse saber-fazer na clínica psicanalítica.

À Vera Vital Brasil, ao Ary Band e à Renata Mello. Meus analistas de 1999 a 2013. Pois sem eles, não sei nem se eu ainda estaria hoje aqui.

Ao meu corpo, minha força, meu desejo; ao inconsciente. Quem permitiu que essa mola tivesse continuidade, que esse trabalho seguisse, que essa dissertação fosse escrita. Que esse trabalho tivesse um começo, um fim e um meio.

“Nós que passamos apressados
Pelas ruas da cidade
Merecemos ler as letras
E as palavras de gentileza

Por isso eu pergunto
A você no mundo
Se é mais inteligente
O livro ou a sabedoria

O mundo é uma escola
A vida é um circo
“Amor: palavra que liberta”
Já dizia o profeta”
(Gentileza - Marisa Monte)

RESUMO

O objetivo principal desta dissertação foi refletir sobre o conceito de estabilização na clínica das psicoses. Para isso foi usado como principal recurso metodológico o estudo bibliográfico, tendo como autores fundamentais Sigmund Freud, Jaques Lacan e Jaques-Alain Miller. Além de outros autores contemporâneos que se dispuseram a discutir o conceito de estabilização e pensar a clínica das psicoses.

O conceito de estabilização em psicanálise que foi pesquisado nesta dissertação difere-se radicalmente da ideia de estabilização no senso comum. A palavra estabilização no senso comum transmite certa ideia de harmonia, de equilíbrio. Uma pessoa, um ambiente, uma situação estável é aquela onde há pouco barulho, pouca agitação, pouco movimento. O cotidiano da experiência clínica nos mostra que essa não é, de forma alguma, característica dos sujeitos psicóticos, muito pelo contrário. A estabilização nas psicoses não se remete a nenhuma tentativa de criação de qualquer adaptação harmônica com o meio e com o corpo.

A proposta de estabilização desenvolvida nesta dissertação busca discutir uma outra ideia. A da busca do sujeito em inventar uma relação possível com o Outro e com o corpo, de dentro dessa experiência afirmativa, explosiva, aberta, que é a experiência psicótica. Relação essa que permita o sujeito psicótico estar menos invadido pelo Outro e mais inserido no laço social. Inserção esse que nunca se dará pela busca de tentar introduzir o psicótico na norma fálica, de convocá-lo a estar dentro das normas sociais e padrões culturais. Mas na aposta que, de dentro da potência disruptiva da experiência psicótica, é possível a esses sujeitos não viverem no universo da exclusão social e sim dentro do laço social.

Palavras-chave: Psicanálise; Psicose; Estabilização; Suplência; Suplemento; Invenção.

ABSTRACT

The main goal of this dissertation is to reflect upon the concept of stabilization in the psychosis clinic. The author used, as a main methodology, the review of the literature on the subject, including works by Sigmund Freud, Jacques Lacan, Jacques-Alain Millers as well as other contemporary authors.

The concept of stabilization in psychoanalysis studied in this work is radically different from the common use idea of stabilization. In everyday use, the word 'stabilization' conveys a sense of harmony and balance. A person or environment is commonly considered to be in a stable state if there is little agitation, noise, or movement. The everyday experience in the psychosis clinic shows that these are absolutely not characteristics of the psychotic subject. The stabilization in the psychosis clinic, on the other hand, will not attempt to create any harmonic adaptation with the neither surroundings nor body.

The author's proposed concept of stabilization aims to shift the discussion to a different idea: the subject's search to create a feasible relation with the Other and with the body through the affirmative, explosive, and open psychotic experience. This relation would allow the psychotic subject to be less invaded by the Other and more inserted into the social bond. This insertion would not be achieved by trying to make the subject conform to the phallic norm nor summoning him to adhere to social and cultural patterns but through the believe that it is possible for the psychotic subject to avoid an universe of social exclusion, and achieve insertion in the social bond within the disruptive power of the psychotic experience

Keywords: Psychoanalysis; Psychosis; Stabilization; Provisional Replacement; Supplement; Invention.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	A ESTABILIZAÇÃO NA CLÍNICA DAS PSICOSES	15
CAPÍTULO II	A ESTABILIZAÇÃO ATRAVÉS DA SUPLÊNCIA: O QUE VEM SE COLOCAR NO LUGAR DO NOME-DO-PAI	24
	2.1 O conceito de significante: de Saussure a Lacan	25
	2.2 O real, o simbólico e o imaginário no primeiro ensino de Lacan	31
	2.3 As diferenças entre neurose e psicose no primeiro ensino de Lacan	34
CAPÍTULO III	A ESTABILIZAÇÃO ATRAVÉS DE UM SUPLEMENTO: UM A MAIS	38

3.1 O Real, o Simbólico e o Imaginário no último ensino de Lacan	39
3.2 As diferenças entre a neurose e a psicose no último ensino de Lacan	43
CAPÍTULO IV	
DA FORACLUSÃO GNERALIAZADA À INVENÇÃO	49
PSICÓTICA	
4.1 A foraclusão generalizado: um retorno de Miller a Lacan	49
4.2 A invenção psicótica	53
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO

Pretende-se nessa dissertação discutir o conceito de estabilização na clínica das psicoses. O interesse por desenvolver este trabalho nasceu de um percurso que vem sendo trilhado por mim na rede de Saúde Mental do início da graduação em psicologia (2000-2004) até os dias atuais. Meu primeiro contato com a loucura se deu num estágio, ainda no começo da graduação em psicologia, no ano de 2001 em um hospital-dia privado.

Assim que o curso de graduação foi concluído na PUC-RJ participei durante um ano, de um estágio profissional no Instituto Philippe Pinel, no ano de 2006, nas enfermarias e na emergência da instituição. Nesse momento deu-se meu primeiro contato com casos mais graves, com situações limite. Em 2007 e 2008 trabalhei numa residência terapêutica particular. Acompanhávamos seis moradores adultos e, em sua maioria, autistas. Em 2008 fui contratado para trabalhar no Serviço de Internação de Agudos Feminino (SIAF) do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba – Niterói, do Sistema Único de Saúde (SUS). Em 2009 e 2010 trabalhei no Serviço de Residências Terapêuticas do Instituto Municipal de Assistência à Saúde (IMAS) –Colônia Juliano Moreira (SUS).

Durante todo esse tempo trabalhei também em equipes de acompanhamento terapêuticos (AT) particulares; na maioria dos casos, acompanhando pacientes psicóticos. Da conclusão da graduação até os dias atuais, também, venho atendendo em consultório particular: nesse caso tendo recebido, prioritariamente, pacientes neuróticos, mas atendendo alguns pacientes psicóticos. Todo o meu percurso profissional tem estado atrelado então, prioritariamente, ao acompanhamento de pacientes psicóticos em diversos dispositivos da rede de saúde mental (SUS) e no trabalho na iniciativa privada.

Para dar consistência a estas práticas e poder realizar este trabalho da melhor forma possível trilhei também um percurso acadêmico e de formação psicanalítica que pudesse dar embasamento teórico a estas práticas. Meu contato com a psicanálise iniciou-se antes da graduação, como analisando, processo que continuo até hoje.

Na graduação tive meus primeiros contatos com a teoria psicanalítica, que me ajudaram a pensar um “saber fazer” com aqueles pacientes, com características tão singulares e percursos subjetivos tão surpreendentes. Após a graduação iniciei formação em uma sociedade de psicanálise (SPID) que durou seis anos. Desliguei-me da sociedade em 2011 e há dois anos frequento uma Escola de Psicanálise de orientação lacaniana (EBP-Rio). Sustento um tripé importante que me ajuda muito a pensar essas práticas: análise pessoal, prática clínica supervisionada e estudos teóricos.

No universo acadêmico tive minha primeira produção no curso de Especialização em Psicanálise e Saúde Mental da UERJ. No final de 2011 concluí minha monografia, que versou sobre a especificidade da prática do acompanhamento terapêutico com pacientes psicóticos, tendo como título: *O acompanhamento terapêutico na clínica das psicoses*. Durante esse tempo participei da linha de pesquisa da professora Sonia Leite, no Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro (CPRJ), vinculado a UERJ, cujo tema era: “As suplências nas psicoses”.

Foi, portanto, por esses motivos expostos, que nasceu meu interesse pelo desenvolvimento desta dissertação, o qual tem como justificativas a busca em contribuir na construção de um saber-fazer na clínica das psicoses. Procuro, assim, contribuir no aprofundamento das reflexões sobre o trabalho na saúde mental e na clínica das psicoses de uma forma geral.

Para desenvolver esta dissertação optei, então, por um percurso de Freud a Lacan, buscando recolher as maiores contribuições dos autores para pensar o conceito de estabilização na clínica das psicoses, além de outros autores contemporâneos que também discutiram este conceito.

Partiremos em primeiro lugar de Freud, que nos mostrou que o delírio não deve ser visto como algo danoso ao sujeito psicótico, mas pelo contrário, como uma tentativa de cura ou reconstrução. No trabalho na rede de saúde mental percebia-se, claramente, como os profissionais que não tinham uma orientação psicanalítica, tendiam a querer convencer os pacientes psicóticos de que suas construções delirantes eram dados de fora da realidade. Esta típica atitude só potencializava o sofrimento dos pacientes, aumentando os sentimentos persecutórios e as passagens ao ato. Enquanto os profissionais que tinham alguma orientação psicanalítica escutavam e davam valor as construções delirantes dos usuários da rede de saúde mental. Isto diminuía o nível de angústia dos pacientes e produzia um efeito de estabilização em termos psíquicos.

Em seguida partiremos das reflexões de Jaques Lacan, no passo dado além de Freud, ao nos mostrar que além do delírio, a arte, como um trabalho de invenção, é também um importante dispositivo como recurso para a organização psíquica dos sujeitos psicóticos. Principalmente na experiência em dispositivos como os CAPS, Hospitais-dia, e atividades coletivas de uma forma geral, observei o quanto os trabalhos artísticos, as escritas, e as atividades de uma forma geral que buscavam algum tipo de invenção, produziam efeitos importantíssimos em termos de organização psíquica.

Para construirmos este percurso de Freud a Lacan a dissertação foi dividida em quatro capítulos. O primeiro terá como título *A estabilização na clínica das psicoses*. Discutirá a ideia de estabilização nas psicoses, partindo da grande afirmação freudiana do delírio como

uma tentativa de cura ou reconstrução. Além das contribuições de Lacan e dos autores contemporâneos que buscaram aprofundar a discussão sobre a ideia de estabilização nas psicoses, a partir do pensamento freudiano.

O segundo capítulo, *A estabilização através da suplência: o que vem se colocar no lugar do Nome-do-Pai*, nele recorreremos ao conceito de suplência em Lacan para pensar a ideia de estabilização na psicose. Em seu primeiro ensino Lacan vai marcar que a metáfora delirante estabiliza as relações entre significante e significado. Em seu retorno a Freud, Lacan vai marcar que a metáfora delirante tem, portanto, uma função de suplência ao Nome-do-Pai que foi foracluído, onde a palavra suplência ainda tem o sentido de suprir, substituir, se colocar no lugar de.

O terceiro capítulo, *A estabilização através de um suplemento: um a mais*. Nele mostraremos as transformações que o conceito de estabilização foi sofrendo durante o ensino de Lacan, e as alterações que o conceito de suplência foi sofrendo durante o ensino do autor. Em seu último ensino o conceito de suplência vem ganhando um outro sentido. A partir de Joyce, Lacan mostra que a arte vem assumir essa função de suplência, não mais como algo que se coloca no lugar do Nome-do-Pai, e portanto, não tem mais uma função substitutiva. Trata-se de uma invenção, um a mais. Algo que o sujeito inventa, para possibilitar uma experiência estabilizadora na sua relação com o mundo e as coisas, que em Joyce, foi sua escrita, e que na clínica podem ser invenções variadas, sempre diferentes e singulares, em cada caso.

No quarto e último capítulo, *Da forclusão generalizada à invenção psicótica*, discutiremos as contribuições de Jaques-Allain Miller, em seu retorno a Lacan, para pensar a ideia de estabilização nas psicoses, principalmente a partir de sua leitura do último ensino de Lacan. A partir dos conceitos de forclusão generalizada e invenção psicótica Miller traz um

novo olhar sobre a clínica das psicoses. O autor irá desconstruir, completamente, a ideia de déficit da psicose em relação à neurose. E levará às últimas consequências, a reflexão de Lacan, sobre a importância da arte na clínica das psicoses. Onde Miller vai marcar a importância de algum tipo de invenção que possa exercer essa função de estabilização que, na maioria das vezes, é ainda mais eficiente do que a metáfora delirante.

O objetivo dessa dissertação, portanto, será o de clarificar o conceito de estabilização nas psicoses, para que possamos construir um saber-fazer com essa clínica. Pensar no lugar em que deve se colocar o analista na busca de ajudar o psicótico a construir suas saídas, produzir seu percurso, inventar seu corpo e sua relação possível com o Outro.

Capítulo I: A estabilização na clínica das psicoses

Para discutirmos o conceito de estabilização nas psicoses é preciso que antes demos um passo atrás. Torna-se fundamental marcarmos que há uma diferença radical entre o conceito psicanalítico de estabilização nas psicoses e a ideia de estabilização no senso comum. A palavra estabilização no senso comum transmite uma certa ideia de harmonia, de equilíbrio. Uma pessoa, um ambiente, uma situação estável é aquela onde há pouco barulho, pouca agitação, pouco movimento. O cotidiano da experiência clínica nos mostra que essa não é de forma alguma característica dos sujeitos psicóticos, muito pelo contrário. A estabilização nas psicoses permite ao sujeito criar uma relação mais possível com o Outro, com o corpo, com as relações, mas sempre de dentro da experiência afirmativa, explosiva, aberta, da experiência psicótica, do inconsciente a céu aberto. Como nos diz Garcia:

É preciso diferenciar a estabilização em psicanálise de uma adaptação harmônica com o meio, de um feliz funcionamento natural que proporcione equilíbrio ao desenvolvimento das etapas pelas quais um organismo passa(...)Portanto o termo estabilização é conveniente para falar da construção de uma miragem da imago corporal que enlace o sujeito ao seu Outro e, como consequência, produza alguma distância entre o sujeito e o abismo, localize a angústia e, com isso, reduza seu nível e, assim, favoreça a vida e as relações (2011, p.19)

A ideia de estabilização nas psicoses nasce das reflexões de Freud. Seu texto mais importante para nos ajudar a pensar este conceito é *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides)*. Texto que ficou mundialmente conhecido como *O caso Schreber*. A partir da leitura de Freud da autobiografia de Schreber, o pai da psicanálise marca a existência de uma passagem feita por

Schreber, de um delírio de perseguição desorganizador e invasivo para um delírio religioso de grandeza, organizador e estabilizador para Schreber.

Para explicar essa passagem vivida por Schreber, Freud irá recorrer antes, aos capítulos iniciais da autobiografia de Schreber onde o autor conta, um pouco, sobre o desenvolvimento de sua doença. Schreber diz ter sofrido duas vezes de “distúrbios nervosos”. O primeiro, quando se candidatou ao Reichstag¹ e era diretor do tribunal de província em Chemnitz e a segunda quando foi nomeado para o cargo de juiz-presidente da Corte de Apelação na cidade de Dresden.

Estive doente dos nervos duas vezes, ambas em consequência de uma excessiva fadiga intelectual; a primeira vez por ocasião de uma candidatura ao Reichstag (quando eu era diretor do Tribunal de Província em Chemnitz), a segunda vez por ocasião de inusitada sobrecarga de trabalho que enfrentei quando assumi o cargo de presidente da Corte de Apelação de Dresden, que me tinha sido então recentemente transmitido (Schreber,1905, p.44)

Em sua primeira crise (1885), Schreber parece relatar o início de experiências persecutórias, e traços hipocondríacos, mas ainda sem nenhuma sólida construção delirante, diz o autor:

A primeira doença decorreu sem qualquer incidente relativo ao domínio do sobrenatural. No essencial, durante o tratamento, só tive impressões favoráveis do método terapêutico do professor Flechsig. É possível que tenham ocorrido eventuais equívocos. Já durante esta minha doença eu era, e ainda agora sou, da opinião de que mentiras piedosas, a que o médico dos nervos de fato não pode deixar de recorrer para com certos doentes mentais, ainda assim utilizando-as sempre com o máximo cuidado não ocorreram quase nunca comigo, uma vez que se devia reconhecer em mim um homem de espírito elevado, de inteligência aguda e de finos dons de observação. Não só pude tomar como mentira piedosa quando, p.ex., o professor Flechsig quis fazer passar minha doença por mera intoxicação por brometo de potássio, atribuindo-se o peso desta responsabilidade ao Dr. R. em S., com quem estive em tratamento anteriormente. Eu também teria podido me livrar bem mais depressa de certas ideias hipocondríacas que então me dominavam, como a de emagrecimento, se algumas vezes me tivessem deixado manejar sozinho a balança que servia para determinar o peso do 45

¹ Trata-se do momento em que Schreber concorreu às eleições parlamentares, pelo Partido Nacional Liberal.

corpo — a balança que na época se encontrava na clínica da universidade era de uma construção peculiar, para mim desconhecida.(p.44/45)

Schreber relata que depois da cura de sua primeira crise, tratada pelo Dr.Flechsig, viveu bem durante oito anos, de 1885 a 1893. Entretanto ao ser nomeado para o cargo de juiz-presidente da Corte de Apelação na cidade de Dresden em 1893, relata que sua antiga doença teria voltado. A partir de então passará a viver estranhos sonhos que lhe perturbavam a mente. Entre a visita do ministro da justiça que veio a sua casa anunciar sua iminente nomeação, e a posse, afirma ter pensado que “seria belo ser uma mulher e se submeter ao ato da cópula”. Aqui os pensamentos de Schreber parecem começar a construir uma sólida articulação delirante. Diferente da primeira crise, onde o autor marca que “a primeira doença decorreu sem qualquer incidente relativo ao domínio do sobrenatural”, na segunda crise afirma que não poderia “afastar a possibilidade de que ela lhe tenha sido inspirada por influências exteriores que estavam em jogo”:

Uma vez, de manhã, ainda deitado na cama (não sei mais se meio adormecido ou já desperto), tive uma sensação que me perturbou de maneira mais estranha, quando pensei nela depois, em completo estado de vigília. Era á idéia de que deveria ser realmente belo ser uma mulher se submetendo ao coito — esta idéia era tão alheia a todo o meu modo de sentir que, permito-me afirmar, em plena consciência eu a teria rejeitado com tal indignação que de fato, depois de tudo que vivi neste íterim, não posso afastar a possibilidade de que ela me tenha sido inspirada por influências exteriores que estavam em jogo (p.45)

Em sua segunda crise, Schreber vive sintomas de insônia, sensibilidade a ruídos e angústia intensa, com a sensação de estar sendo objeto de 'maldosas manobras intencionais'. O paciente e sua mulher buscam novamente o Dr. Flechsig para tratamento. O médico tenta tratá-lo em casa, mas logo decide pela internação. Schreber é internado na clínica universitária para doentes nervosos em Leipzig, a partir de 21 de novembro de 1893. No

início Schreber se queixa de amolecimento cerebral, tem a sensação de morte iminente, vive alucinações auditivas e visuais aterrorizadoras. Faz algumas tentativas de suicídio:

Passei praticamente toda a noite sem dormir e até me levantei da cama uma vez em estado de angústia para tentar uma espécie de suicídio por meio de um lenço ou um expediente deste tipo, o que minha esposa, despertada por isto, me impediu de fazer. Na manhã seguinte já se apresentava um grave transtorno nervoso; o sangue tinha refluído de todas as extremidades para o coração, meu estado de ânimo era profundamente sombrio e o professor Flechsig, que tinham mandado chamar já de manhã bem cedo, considerou necessária minha internação em sua clínica, após o que, já em sua companhia, parti de fiacre imediatamente (p.47)

Aqui Schreber vive o momento mais agudo de sua crise. A experiência de invasão absoluta, sem nenhum tipo de recurso subjetivo para se proteger, onde Freud fala de uma catástrofe interna na psicose: “O fim do mundo é a projeção dessa catástrofe interna; seu mundo subjetivo chegou ao fim, desde o retraimento do seu amor por ele” (Freud, 1911, p.93). E é a partir daí que Schreber começa a luta em tentar se reconstruir: “E o paranoico constrói-o de novo, não mais esplêndido, é verdade, mas pelo menos de maneira a poder viver nele mais uma vez. Constrói-o com o trabalho de seus delírios (Ibid, p.94)

Entre o final de 1893 e começo de 1894, ainda no Sanatório de Flesching, Schreber apresenta o início de uma mudança fundamental. Desta “catástrofe interna” ao início da construção de seus pensamentos delirantes, ainda num cunho bastante persecutório:

A partir de então surgiram os primeiros sinais de uma relação com forças sobrenaturais, em particular uma conexão nervosa que o professor Flechsig estabeleceu comigo, no sentido de que falava com meus nervos sem estar presente em pessoa. A partir desta época fiquei também com a impressão de que o professor Flechsig não tinha boas intenções a meu respeito; creio ter encontrado uma comprovação desta impressão quando, por ocasião de uma visita pessoal, eu lhe perguntei se ele realmente acreditava em uma cura no meu caso: ele tentou me consolar de algum modo mas — ao menos me pareceu — não conseguiu mais olhar-me nos olhos enquanto falava (Schreber, 1905, p.50)

Este delírio persecutório vai progressivamente se tornando um delírio religioso de grandeza, e construindo para Schreber um sentido, tendo portanto uma função mais sólida de estabilização:

É chegado o momento de dar maiores pormenores sobre as vozes interiores, várias vezes mencionadas, que desde então falam ininterruptamente comigo e, ao mesmo tempo, sobre a tendência, a meu ver inerente à Ordem do Mundo, segundo a qual em certas circunstâncias é preciso chegar a uma "emasculação (transformação em uma mulher) de um homem ("vidente") que entrou em uma relação ininterrupta com os nervos divinos (raios) (p.50)

Para dar continuidade à construção deste complexo delírio, Schreber busca explicar o que são os nervos divinos:

Além da língua humana habitual há ainda uma espécie de língua dos nervos, da qual, via de regra, o homem não é consciente (...) Mas no meu caso, desde a mencionada reviravolta crítica em minha doença nervosa, ocorre que meus nervos são postos em movimento a partir do exterior, e isto incessantemente, sem interrupção (p.51) Os raios têm portanto a capacidade de influenciar o sistema nervoso de um homem adormecido, e em certas circunstâncias mesmo o de um homem acordado, e particularmente influenciar seus nervos dos sentidos, de modo que este homem acredite ver e ouvir falarem diante" de si pessoas estranhas, andando e mantendo uma conversação oral, como se tudo isso fossem acontecimentos realmente existentes.(...) Contudo não se pode deixar de valorizar estas imagens de sonho para o conhecimento das coisas de que aqui se trata; pelo menos em alguns casos não está fora de questão a possibilidade de que elas tenham sido uma expressão simbólica para a comunicação de acontecimentos que realmente se deram ou que eram esperados por Deus para o futuro.(61-62 rodapé)

Até o momento em que Schreber chega à construção final de seu delírio religioso de grandeza, e se produz então uma metáfora delirante:

O segundo ponto a ser tratado neste capítulo diz respeito à tendência inerente à Ordem do Mundo à emasculação de um homem que entrou em contato permanente com raios. Por um lado esta questão se relaciona intimamente com a natureza dos nervos de Deus, graças à qual a beatitude (o gozo desta, cf. acima, págs. 43-45) é, embora não exclusivamente, pelo menos simultaneamente, uma sensação de volúpia extremamente intensa: por outro lado, a questão se relaciona com o plano evidentemente subjacente à Ordem do Mundo, que consiste na possibilidade de uma renovação do gênero humano, no caso de uma catástrofe cósmica que

torne necessário o aniquilamento — especificamente intencional ou não — da humanidade em algum corpo celeste(...).Então, para a conservação da espécie seria reservado um único homem — talvez aquele que ainda fosse relativamente mais virtuoso do ponto de vista moral, chamado de "Judeu Errante" pelas vozes que falavam comigo(..) O judeu Errante (no sentido aqui indicado) deve ter sido emasculado (transformado em uma mulher) para poder gerar filhos. A emasculação ocorria do seguinte modo: os órgãos sexuais externos (escroto e membro viril) eram retraídos para dentro do corpo e transformados nos órgãos sexuais femininos correspondentes, transformando-se simultaneamente também os órgãos sexuais internos.(...) experimentei por duas vezes em meti próprio corpo durante a minha internação (por pouco tempo) a realização deste milagre da emasculação.(p.54/55)

Freud (1911) relata então dois diferentes momentos na vida de Schreber. Um primeiro tempo, onde Schreber é invadido por pensamentos persecutórios, chega a repetidas tentativas de suicídio, e se encontra totalmente desorganizado psiquicamente.

E um segundo momento no qual essas experiências invasivas vão passando a ter um sentido. Uma razão de existir, uma justificativa criada por Schreber do porque da existência dessas experiências. Em novembro de 1895 Schreber começa a viver a sensação de mudanças corporais, diz sentir que seus seios estavam crescendo e afirma que então havia se transformado em mulher, de acordo com os elevados fins da Ordem das Coisas. Que teria uma fecundação através de raios divinos e junto com Deus criariam uma nova raça de homens. Freud observa então que há uma importante passagem, das experiências desorganizadoras e destrutivas ao sujeito à construção de uma metáfora delirante, estruturante, organizadora e positiva a Schreber:

O ponto culminante do sistema delirante do paciente é sua crença de ter a missão de redimir o mundo(...) Isso entretanto, só poderia realizar se primeiro se transformasse de homem em mulher(...) Ele tem a sensação de que um número enorme de “nervos femininos” já passou para o seu corpo e, a partir deles, uma nova raça de homens originar-se-á, através de um processo de fecundação direta por Deus (Freud, 1911, p.32/33)

Para compreender essa passagem, e a especificidade da função do delírio, Freud irá buscar uma explicação sobre o funcionamento da paranoia. No capítulo sobre o mecanismo da paranoia Freud (1911) introduz a discussão sobre o conceito de projeção na psicose:

O mecanismo de formação dos sintomas na paranoia exige que as percepções internas-sentimentos-sejam substituídas por percepções externas. Conseqüentemente, a proposição ‘eu o odeio’ transforma-se, por projeção, em outra: ‘ele me odeia’ (persegue) (p. 86)

Ao invés de recalcar as ideias negativas e hostis como faz o neurótico, o psicótico as projeta no mundo externo, que retornam como perseguição. O inconsciente parece não estar contornado pela fantasia, num mundo interno protegido pelo simbólico; mas estampada a céu aberto num mundo externo invasivo e destruidor.

Há então uma falha no simbólico (veremos isso com Lacan, mais a frente), uma falta de recursos para mediar a relação entre o mundo interno e o mundo externo, que faz com que o sujeito psicótico viva de forma tão intensa essas invasões. Um dos recursos que o psicótico usará então para mediar este conflito será a construção do delírio: “a formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na verdade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução” (p. 94-95).

Na leitura da autobiografia de Schreber, ao pensar o delírio como esta tentativa de restabelecimento e reconstrução, Freud parece introduzir na psicanálise a ideia de estabilização na psicose, apesar de não usar exatamente esta expressão. O delírio de Schreber, portanto, vive dois tempos fundamentais. No começo, se apresenta como delírio persecutório, algo que busca alguma tentativa de estabilização, na contramão da “catástrofe interna”, mas que ainda é muito invasivo para Schreber.

Até um segundo momento em que este delírio persecutório vai ganhar uma outra roupagem. Schreber não pensará mais que seu corpo está sendo invadido por Flechsig nem por Deus, mas que ele vem sofrendo alterações por meio de raios divinos, para transformar-se em mulher, e isto tem uma razão para acontecer. Ele é transformado em mulher, para junto com Deus criarem uma nova raça de homens. Fica claro, aqui, como o delírio fragmentado e invasivo vai se tornando um delírio estruturada, com um sentido de existir, e mais estabilizador ao sujeito. Veremos mais a frente com Lacan (1955) será a transformação de um delírio em uma metáfora delirante.

Lacan, em seu retorno a Freud irá fazer uma releitura do texto de Schreber, e em seu escrito *Uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses*, Lacan irá aprofundar a ideia do delírio como tentativa de cura, cunhada por Freud. Como nos diz Miller

em certo sentido, “Uma questão preliminar...” de Lacan é um segundo texto de Freud sobre Schreber. Digo “em certo sentido” porque evidentemente esse aspecto não esgota o texto de Lacan. Mas seria possível dizer que, por um lado, Lacan aí escreveu um texto de Freud (Miller,1996,p.121)

Lacan irá dar grande valor a uma passagem no texto de Freud onde ele vai questionar sua própria ideia de projeção. E marcará que não se trata de algo interno que foi projetado no exterior, mas algo que foi internamente abolido que retorna como invasão:

Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetado para o exterior; a verdade é pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora”(Freud, 1911,p.95).

Como podemos perceber, aqui o próprio Freud parece relativizar a ideia de mundo interno e mundo externo ao questionar seu conceito de projeção. Lacan (1955) em seu retorno

a Freud problematizará isso muito bem. Marcará que o que “foi internamente abolido” é um recurso simbólico que se perdeu, uma “falha no simbólico”. E o que “retorna desde fora” é marcado como a invasão do Real.

Por isso esta citação de Freud é um marco fundamental para as reflexões psicanalíticas sobre a clínica das psicoses. E é o que parece orientar a ideia de estrutura psíquica em Lacan. Pois projeções de sentimentos internos em percepções externas podem ser percebidas também nas neuroses. Como as ideias recalçadas das histéricas que se apresentavam “externamente” no corpo. Mas isso que é “internamente abolido e retorna desde fora” é exclusividade da psicose. É do campo da *Verwerfung*, que veremos com Lacan no próximo capítulo.

Capítulo II: A Estabilização através da suplência: o que vem se colocar no lugar do Nome-do-Pai

A primeira contribuição de Lacan para pensar o conceito de estabilização nasce em seu escrito *De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses*. Neste texto Lacan retorna a Freud, para nos mostrar como Schreber conseguiu construir uma estabilização depois de seus primeiros surtos psicóticos. Lacan nos mostra que no surto psicótico o sujeito apresenta a falta de um suporte na cadeia significante: “Contornado o furo cavado no campo do significante pela forclusão do Nome-do-Pai. É em torno desse buraco em que falta ao sujeito o suporte da cadeia significante” (Lacan, 1955, p.570). E que o delírio se constitui então para suprir essa falha

É a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, dá início a cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizem na metáfora delirante” (Lacan, 1955, p.584)

Como podemos ver, a ideia de estabilização através do delírio é pensada a partir das relações entre significante, significado e cadeia significante. Esta articulação realizada por Lacan nasceu de seu retorno a Freud e seus estudos sobre a linguística. A linguística é a ciência que busca estudar o universo da linguagem, o mundo das palavras. Entre os grandes linguistas de época, Lacan recorreu principalmente a Saussure (1970), para pensar o conceito de significante em psicanálise. Conceito que norteou todo o primeiro ensino de Lacan. Para compreendermos, portanto, as reflexões de Lacan sobre as psicoses, a partir dos conceitos de significante, significado e cadeia significante faremos uma pequena passagem pela obra de Saussure para então voltarmos a Lacan.

2.1 - O conceito de significante: de Saussure a Lacan

Em suas pesquisas no campo da linguística, Saussure irá discutir “A natureza do signo linguístico” (1970), demarcando as relações entre signo, significado e significante. O autor nos mostra que o signo linguístico é dividido em duas partes: o conceito e a imagem acústica. Onde o conceito fala de um sentido dado a palavra, e a imagem acústica àquilo que se diz:

O signo linguístico não é uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (emprescindível) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho do nosso sentido (Saussure, 1970, p.80)

Como vimos com Saussure, a imagem acústica não é puramente física, mas uma impressão psíquica, pertencente a um universo de representações. Portanto, aquilo que eu digo não é apenas um som, mas uma representação psíquica. Para explicar mais detalhadamente isto, o autor traz um exemplo:

O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar um poema. E porque as palavras da língua são para nós imagens acústicas, cumpre evitar falar dos “fonemas” que se compõem. Esse termo, que implica uma ideia de ação vocal, não pode servir senão à palavra falada, à realização da imagem interior no discurso. (Ibid)

Portanto o sentido que uma palavra tem não está dado a priori. Ele se produz na realização dessa imagem interior que se produz num discurso. Para aprofundar essa discussão o autor propõe então substituir as palavras *conceito* e *imagem acústica* por significado e

significante. “Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante” (p.81).

A partir desta passagem o autor irá aprofundar a reflexão sobre as relações entre significante e significado. Mostrar-nos-á que as relações entre os significantes e os significados vão sendo estabelecidas dentro de um discurso, embora não exista nenhuma relação natural entre significante e significado. Como nos mostra o autor essa relação é arbitrária: “O laço que une o significante e o significado é arbitrário (...) queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (p.83).

Para Saussure há uma estranha autonomia no campo dos significantes. Eles não estão a priori submetidos ao campo dos significados. Para fechar sua reflexão sobre as relações entre significante e significado, termina o texto falando sobre um caráter linear do significante. De uma certa temporalidade onde os significantes se apresentam um após o outro “os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após o outro; formam uma cadeia” (p.84).

Ele constrói uma sólida teoria sobre as relações entre significante, significado e cadeia significante. Lacan, em seu primeiro ensino, irá então mergulhar no universo da linguística saussuriana para pensar sobre o inconsciente freudiano. Em seu retorno a Freud, Lacan irá discutir os textos *O inconsciente (1915)* e *O Recalque (1915) de Freud*. Lacan nos mostrará que aquilo que é recalado não são sentidos, significados, mas a representação das coisas, os significantes:

Trata-se do trecho do artigo de Freud, o *Inconsciente*, em que a representação das coisas, *Sachvorstellung*, e, a cada vez, oposta a das palavras, *Wortvorstellung* (...) Tudo que precede parece-me poder caminhar apenas num único sentido, ou seja, que tudo aquilo sobre o qual a

Verdrangung opera são significantes. E em torno de uma relação do sujeito ao significante que a posição fundamental do recalque se organiza. É apenas a partir disso que Freud ressalta que é possível falar, no sentido analítico do termo, no sentido rigoroso, e diríamos operacional, de inconsciente e de consciente (p.59) de *Vorstellung* em *Vorstellung*, de representação em representação, em torno do que todo o mundo se organiza (Lacan, 1959, p.64).

É em torno, portanto, deste campo de representações que se organiza o movimento neurótico. Não existe nada a priori, anterior, primeiro, há apenas representações. Mas é exatamente isso que não existe que o sujeito persegue. De representações em representações o sujeito busca encontrar essa coisa primeira que ele acredite existir, mas que nunca vai encontrar. É nesse movimento, portanto, que se caracteriza o trabalho do sujeito. É isso que possibilita que haja movimento. Nos diz Lacan:

O que encontramos na lei do incesto situa-se como tal no nível da relação inconsciente com *das Ding*, a Coisa. O desejo pela mãe não poderia ser satisfeito pois ele é o fim, o termino, a abolição do mundo inteiro da demanda, que é o que estrutura mais profundamente o inconsciente do homem. É na própria medida em que a função do princípio do prazer é fazer com que o homem busque sempre que ele deve reencontrar, mas que não poderá atingir, que nesse ponto reside o essencial, esse móvel, essa relação que chama a lei da interdição do incesto (Ibid, p.85)

Ele mostra então, que a partir desse ponto essencial, o sujeito irá perseguir reencontrar algo que nunca atingirá plenamente. Que o percurso do significante nunca encontra o que ele persegue: *das Ding*, a coisa. E é justamente por nunca chegar ao ponto último do que persegue é que se apresenta essa continuidade infinita no movimento dos significantes. De significante em significante, de representação em representação, é dali, nesse movimento, como vimos com Lacan, que se encontra o sujeito do inconsciente.

Aqui, portanto, Lacan dá um passo além de Saussure. O significante não é apenas arbitrário ao significado, mas há uma primazia do significante sobre o significado. Há algo do inconsciente:

Mas não é porque as iniciativas da gramática e do léxico se esgotam num certo limite que se deve pensar que a significação reina irrestritamente para-além. Isso seria um erro. Pois o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que adiante dele sua dimensão. (Lacan, 1957, p.505)

Há, portanto, algo do significante que escapa ao sentido, algo que a gramática não dá conta. Um real do significante que se impõe, que mais do que arbitrário ao significado ele é primevo. Para nos ajudar a pensar essa aposta lacaniana, Milner fala sobre a diferença entre a ciência e a arte. A ciência aposta em algo do campo da língua que é calculável. É o que é conhecido como a comunicação. Mas a arte mostra que esse cálculo é falho, pois há algo da língua que não é representável, que sempre escapa ao sentido, e é dentro disso que a arte trabalha. É também aí que a psicanálise intervém:

O limite entre a arte a ciência subsiste em um axioma que a primeira renega e sobre o qual a segunda se sustenta: o real da língua é calculável (...) É o que o conceito de comunicação efetua. Assim, cálculo por cálculo, vai se construir a rede do real, tendo como único princípio de investigação o impossível – leia-se, aqui, o agramatical. O surpreendente é que isso seja exequível. A psicanálise dispõe, aí, de uma única intervenção válida: enunciar que, em matéria de língua, a ciência possa faltar. (Milner, 2012, p.7 e 8)

Diante desse real, dessa primazia do significante, o sujeito busca construir saídas para possibilitar uma amarração entre o significante e o significado. Uma amarração que disfarce a verdade dessa primazia, que possibilite um universo de trocas, que se estabeleça um discurso. Este ponto que possibilita essa amarração foi o que Lacan chamou de ponto de basta. “Ali se

articula o que chamamos de ponto de basta, pelo qual o significante detém o deslizamento da significação, de outro modo indefinido” (Lacan, 1960, p.820). Vidal nos mostra que no primeiro ensino de Lacan quem assume esse lugar de ponto de basta é o Nome-do-Pai:

o Nome-do-Pai designa para Lacan nos anos cinquenta a condição para que nela se imponha a ordem simbólica. Na cadeia significante, o Nome-do-Pai exerceria a primordial função de amarrar, de manter juntos os dois elementos heterogêneos que ela comporta – o significante e o significado – servindo de point de capiton, “ponto de basta” entre ambos (Vidal, 2005, p.122).

É, portanto, nesse jogo entre a coisa e a palavra, significado e significante, realidade e fantasia, a consciência e o inconsciente, que alguma coisa se estabiliza no mundo neurótico, a partir desse ponto de basta que é o Nome-do-Pai. Mas na psicose existe uma falha nesse jogo de articulações, um problema no campo das representações. Existe algo tanto no campo da coisa como da palavra, que é muito crua, direta, e nesse jogo falta um manejo possível, há uma falha no simbólico. Nos diz Lacan:

A atitude esquizofrênica coloca para Freud, ou seja, as prevalências extraordinárias manifestas das afinidades das palavras no que se poderia chamar de o mundo esquizofrênico (...) Ele se dá conta de que a posição particular do esquizofrênico coloca-nos, de uma maneira mais aguda do que em qualquer outra forma neurótica, na presença do problema da representação (p.59) É na medida em que um termo pode ser recusado, que mantém a base do sistema das palavras numa certa distância ou dimensão relacional, que veremos desenvolver-se toda psicologia do psicótico – falta alguma coisa, em direção a que tende desesperadamente seu verdadeiro esforço de suprimimento, de significantização (Lacan, 1959 p.83)

Na psicose, portanto, o significante se impõe sem esse ponto de basta, sem este deslizamento, se apresenta de forma crua e concreta. Aquilo que o neurótico disfarça, a partir do semi dizer, de uma meia verdade, o psicótico escancara. É onde Lacan marcará a diferença

entre a *Verdrangung* e a *Verwerfung*. Termos que na obra freudiana foram traduzidos como recalque e rejeição.

Em seu Escrito “De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses” Lacan recorrerá ao conceito freudiano da *Verwerfung* como aquilo que norteia a estrutura psicótica, e dará a ele o nome de Foraclusão do Nome-do-Pai. Assim esse Nome-do-Pai que o neurótico internalizou a partir do recalque, o psicótico foraclui.

O conceito de foraclusão vem do direto. Todo processo tem um limite de tempo para ser julgado. Caso esse tempo seja ultrapassado considera-se que o processo foi foracluído. Foi colocado de fora, excluído, não será jamais julgado. Fica, portanto, como se ele nunca tivesse existido. É isso então que ocorre com o psicótico. O Nome-do-Pai não pode ser internalizado em função de uma falha simbólica e, portanto, foi foracluído.

Contornado o furo cavado no campo do significante pela foraclusão do Nome-do-Pai. È em torno desse buraco em que falta ao sujeito o suporte da cadeia significante (p.570) A *verwerfung* será tida por nós, portanto, como a foraclusão do significante nome-do-Pai (Lacan, 1955, p 564)

Lacan marca então, que diante da falta deste significante, desse ponto de basta, há uma desestabilização entre significante e significado. E o que irá, portanto, buscar uma tentativa de estabilização entre significante e significado será a própria metáfora delirante:

É a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, dá início a cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizem na metáfora delirante” (Lacan, 1955, p.584)

É aqui, portanto, que Lacan introduz em sua obra o conceito de estabilização na psicose, ao marcar que a metáfora delirante estabiliza as relações entre significante e significado.

Este escrito de Lacan foi produzido logo depois de suas apresentações em seu seminário livro III: As psicoses. Para pensar o conceito de estabilização nas psicoses, para além das relações entre significante, significado e cadeia significante; Lacan, em seus seminários, pensará as relações entre o Real, o Simbólico e o Imaginário. E suas diferenças na neurose e na psicose.

2.2 – O real, o simbólico e o imaginário no primeiro ensino de Lacan

Assim como em seus escritos, no seminário livro 3, Lacan também discuti a questão da estabilização nas psicoses. Diferente dos escritos, o autor mergulhará um pouco menos na discussão das relações entre significante, significado e cadeia significante; e penetrará muito mais nas relações entre o Real, o Simbólico e o Imaginário. É a partir da discussão sobre as relações e atravessamentos destes registros que Lacan pensa as características fundamentais das psicoses.

O autor marca que na psicose existe uma falha no campo do simbólico (1955). Para chegar a essa afirmação Lacan faz um retorno a Freud, retomando o pensamento freudiano onde o mesmo afirma que na psicose há uma falha nas funções do Ego, e é derrotado pelas forças pulsionais: “O efeito patogênico depende de o ego (...) se deixar derrotar pelo id e, portanto, ser arrancado da realidade” (Freud,1923,p.192). A partir daí Lacan aprofunda um pouco mais essa afirmação freudiana e diz que: “A questão do ego é manifestamente

primordial nas psicoses, já que o ego, em sua função de relação com o mundo externo(...)foi posto fora de ação” (Lacan,1955,p.167)

Lacan mostra então que algo foi “posto fora de ação”. Que na psicose há algo que não pode assumir sua função, não pode se desenvolver, ou sendo mais freudianamente rigoroso podemos dizer que *alguma coisa foi rejeitada pelo sujeito*, como nos diz Freud: “Aqui o ego *rejeita*² a idéia intolerável juntamente com seu afeto e comporta-se como se a idéia jamais lhe tivesse ocorrido. Mas a partir do momento em que o tenha conseguido, o sujeito encontra-se numa psicose” (Freud, 1894, p.71). Lacan em seu retorno a Freud irá aprofundar a discussão sobre essa rejeição, palavra que foi traduzida do alemão (Verwerfung) e que Lacan retoma: “A Verwerfung: trata-se da rejeição de um significante primordial(...)a exclusão de um dentro primordial(p.174) A uma deficiência, a um buraco do simbólico” (Lacan, 1955, p.180)

Como podemos ver a partir de seu retorno a Freud, Lacan marca que essa rejeição se dá em função de uma deficiência, uma falha no campo simbólico. No começo do seminário 3, assim, Lacan recorre ao conceito de simbólico para explicar as características da psicose. Aprofunda esta discussão a partir da relação da falha no simbólico com o campo do Real: “Pode acontecer que um sujeito recuse o acesso, ao seu mundo simbólico (...) sucede, entretanto, além disso, que tudo o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da Verwerfung, reaparece no Real” (1955,p.21)

Aprofundando essa discussão Lacan recorre ao conceito freudiano de Complexo de Édipo, e marca que alguma coisa no campo do Complexo de Édipo não se deu, não foi vivido: “Para que aja realidade(...)que a realidade não seja o que ela é na psicose, é preciso

² Grifo nosso

que o complexo de Édipo tenha sido vivido” (1955, p.226) “Numa psicose(...)alguma coisa não funcionou, não se completou no Édipo essencialmente”.(p.229)

É algo no campo da entrada do pai simbólico. Aquele que marca uma divisão, que faz um corte, que introduz o simbólico:

O equilíbrio do sujeito humano na realidade depende(...) de uma experiência que implica a conquista da relação simbólica como tal (p.226) Suponhamos que essa situação comporte precisamente para o sujeito a impossibilidade de assumir a realização do significante pai ao nível do simbólico. O que lhe resta? Resta-lhe a imagem que se reduz a função paterna. É uma imagem que não se inscreve em nenhuma dialética triangular, mas cuja a função de modelo, de alienação especular, da ainda assim ao sujeito um ponto de enganchamento, e lhe permite apreender-se no plano imaginário”(1955, p.233)

Aqui Lacan parece trazer novamente a ideia de estabilização. Mostrando que apesar dessa falha simbólica, existe algo no campo do imaginário que pode sustentar uma certa estabilização, como disse, um certo “enganchamento”. Porém nos mostra que esse recurso imaginário é frágil, a qualquer momento em que o sujeito seja convocado a responder de um lugar, onde o recurso simbólico seja fundamental, esse enganchamento se perde, e é de dentro dessa experiência que costumamos nos deparar com os primeiros surtos psicóticos, nos diz Lacan:

Nem todos os tamborete tem 4 pés. Há os que ficam em pé com 3(...)É Possível que de saída não haja no tamborete pés suficientes, mas que lhe fique firme assim mesmo, até certo momento, quando o sujeito, num certa encruzilhada de sua historio biográfica, é *confrontado com esse defeito que existe desde sempre*. Para designá-lo, o termo Verwerfung (1955,p.231)

Este “enganchamento” é algo estabilizador que se dá antes do surto psicótico, diferente, por exemplo, do delírio que tem uma função estabilizadora que se produz depois do surto psicótico.

Há, portanto, dois tempos na psicose. O antes e o depois do surto. Stevens (1990), recorrendo ao texto de Freud “A perda da realidade na neurose e na psicose” (1923) mostra, muito claramente, a diferença entre esses dois tempos. Junto com ele veremos também as diferenças de base entre a neurose e a psicose.

2.3 – As diferenças entre neurose e psicose no primeiro ensino de Lacan

Stevens marca que neste texto Freud recorre aos conceitos de ego e de realidade para pensar as diferenças entre neurose e psicose. Em ambos há uma “perda da realidade”, mas vividos de maneiras diferentes e em tempos diferentes.

Na neurose há um primeiro tempo, onde há um material pulsional, que é recalçado, e que esse recalque se dá a serviço da realidade. Dizendo de uma outra maneira, como esse material pulsional não pode ser aceito pela realidade (como o desejo incestuosos por exemplo) o processo de recalçamento se estabelece. Ou seja, uma primeira ação que se apresenta a serviço do princípio da realidade. Mas há um segundo tempo, o do retorno do recalçado, quando esse material insiste em retornar a consciência. A solução encontrada pelo sujeito se dá na construção de um sintoma. Recurso onde Freud marca que há uma mudança na realidade. Ao que Stevens marca, sendo o momento onde se constitui a fantasia:

Nas neuroses, neste primeiro tempo, o Eu se coloca a serviço da realidade e reprime a moção pulsional. A repressão opera portanto a serviço do princípio da realidade e ao preço de um sacrifício do Isso. Mas há a perda da realidade na neurose, segundo Freud, que acontece no segundo tempo. Neste segundo tempo se produz, com efeito, uma desvalorização da realidade, de tal forma que se reestabeleça uma certa compensação para o isso. É o retorno do

reprimido e a constituição do sintoma (...) uma nova relação com a realidade se instala, através de uma substituição: a fantasia (Stevens, 1990, p.21)³

O autor continua a releitura do texto freudiano lembrando que na psicose, também há dois tempos. Mas que a “perda da realidade” se dá já no primeiro tempo e não no segundo como na neurose “Nas psicoses, ao contrário, é desde o primeiro momento que o Eu se afasta da realidade, para permanecer a serviço do Isso”.(Ibid) E que num segundo momento ele cria uma nova realidade, portanto, é esse primeiro tempo que marca a diferença estrutural entre a neurose e psicose. Na neurose o ego trabalha estruturalmente a serviço da realidade, na psicose ele trabalha, fundamentalmente, a serviço do Isso:

Na neurose o sujeito está introduzido numa dialética significante (S1-S2) e o gozo está limitado (...) Na psicose pelo contrário, o sujeito foraclui a metáfora paterna, que deveria ter introduzido a dialética significante e se encontra confrontado com um gozo bruto, não barrado”(Ibid, p.22)

Será, portanto, a partir da marcação de uma diferença entre este 1º e 2º tempo da psicose, que o autor desenvolverá as diferenças entre suplência e delírio. Ao enfatizar que o delírio age sobre o segundo tempo e a suplência sobre o primeiro. Compreendemos que ambos poderiam ser chamados de suplência, mas o que age no segundo tempo é uma suplência que tem o sentido mais concreto da palavra: vem a suprir, se colocar no lugar de, substituir. O delírio vem substituir o Nome-do-Pai foracluído, porém a suplência que age no primeiro tempo teria um sentido um pouco diferente da origem da palavra suplência. Não tem a função de se colocar no lugar de, e estaria mais próximo da função de um suplemento, uma a mais. No próximo capítulo com Miller veremos tratar-se de uma invenção psicótica.

³ Trata-se do texto de uma conferência pronunciada durante as Tardes do Campo Freudiano em 28 de abril de 1990, sobre o tema “Esquizofrenia e delírio”. A referência bibliográfica que cito aqui é um texto em espanhol. Que tomamos a liberdade de traduzir para o português.

Para marcar essa diferença Stevens retorna a Lacan, partindo das contribuições do autor em seu último ensino, momento em que ele fala sobre Joyce (veremos isso detalhadamente no próximo capítulo). O autor lembra de uma cena contada por Lacan. Joyce teria tomado uma surra, mas teria vivido essa experiência como se nada tivesse acontecido. Como se o corpo fosse apenas uma casca, que pode cair sem dor. Característica estrutural da psicose. Desse corpo exposto ao mundo externo, sem recursos simbólicos de mediação.

Mas a diferença fundamental de Joyce é que isso não o levou a um surto psicótico. Ele não precisou viver esse desfalecimento do corpo, ter o surto para aí então criar uma solução estabilizadora através do delírio. Joyce não surtou. Ele inventou algo para amarrar esse corpo caído. Com outro recurso de mediação diferente do Nome-do-Pai, ele inventou um outro nome: James Joyce. E através de sua escrita pode inventar um recurso de mediação possível entre o Isso e o mundo externo. Mas esse recurso não é nem o delírio, nem um ego neurótico. Se trata da invenção de um nome que supre a ausência desse corpo. Um nome ao invés de um corpo, e não um nome no lugar do corpo. Nos mostra isso Stevens:

uma relação de desapego a respeito do próprio corpo, mais precisamente ainda, uma forma de se deixar cair em relação à imagem corporal. Temos aqui todos os elementos de uma psicose em sua estrutura. Mas o que há de particular é que não há um desencadeamento (...). Há algo que sustenta e Lacan o chama “suplência”. Esta suplência toca, como no delírio, a produção de uma identificação com o nome que ela mesma cria, é sobre uma, O Pai para ilustrar e ela aponta para algo que substitui o próprio corpo. Lacan chama isso de suplência “ego” – narcisista na ocasião – e diz que ela consiste num deslocamento (uma metáfora) desse corpo próprio sobre a arte de Joyce, uma arte que trabalha a letra “nela o que se chama correntemente de ego, desempenhou um papel totalmente diferente daquele que desempenha para o comum dos mortais. E a escrita é essencial ao seu ego”. A arte que supre a significação fálica deficiente. O ego de Joyce não é seu próprio corpo, é sua arte. (Ibid, p.27)

A partir dessa contribuição de Stevens passaremos ao próximo capítulo. Onde analisaremos mais a fundo essa diferença entre suplência e suplemento. Pesquisando mais detalhadamente o último ensino de Lacan, para compreendermos melhor a ideia desse a mais,

dessa invenção. Assim como Stevens, acreditamos que essa diferença pode trazer contribuições fundamentais para a clínica das psicoses “o trabalho da letra faz, com efeito, o trabalho de amarrar a relação do sujeito ao significante a serviço do gozo. A diferença é muito importante ainda que não nos tenhamos dado conta das consequências clínicas”(Ibid)

Capítulo III – A estabilização através de um suplemento: um a mais

Com Stevens, Lacan introduz em seu último ensino a ideia de um recurso estabilizador inventado pelo sujeito, que tem função mais próxima do campo do suplemento que da uma suplência. Para chegar a Joyce e fazer essa reflexão recorrerá ao campo da Topologia.

Em seu primeiro ensino recorreu aos conceitos de real, simbólico e imaginário para pensar a questão da psicose. Em seu último ensino mergulha mais fundo nestes conceitos e desta vez não pensará suas relações com o universo da linguística: o real, simbólico e imaginário com o significante, o significado e a cadeia significante, mas a relação dos registros com a topologia, com o universo dos nós, como esses registros se amarram, se enodam, se entrecruzam. Para isso recorre a um tema específico da topologia matemática: a do nó borromeano.

Para chegarmos a Joyce com Lacan daremos um passo a traz. Em um primeiro momento discutiremos a base topológico do nó borromeano, em seguida como ele pensou a relação dos registros com o nó e finalmente chegarmos então a Joyce com Lacan.

3.1 – O Real, o Simbólico e o Imaginário no último ensino de Lacan

Os conceitos de real, simbólico e imaginário acompanharam todo ensino de Lacan. Em seu primeiro ensino estes conceitos foram muito desenvolvidos a partir dos estudos sobre a linguística. Como já vimos no primeiro capítulo, o autor parte das ideias de significante, significado e cadeia significante para pensar a questão do inconsciente e da elaboração dos conceitos de real, simbólico e imaginário. A partir daí introduz sua reflexão sobre a clínica das psicoses cunhando o conceito de forclusão do significante Nome-do-Pai.

Em seu último ensino afasta-se da linguística e entra no estudo da topologia e com ela irá pesquisar a ideia de espaço. Assim como Freud (1923-1925) pensou os conceitos de Id, Ego e Superego de um ponto de vista tópico, Lacan pensará como topologicamente o imaginário o simbólico e o real se articulam. Para isso debruçar-se-á, dentro da topologia, sobre o conceito do nó borromeano.

Caracteriza-se por um nó onde pelo menos três anéis articulam-se entre si de tal maneira que caso um dos três seja cortado o nó se desfaz. Isto ocorre porque um anel não passa nunca pelo furo do outro (como é o caso dos anéis olímpicos), passa apenas por cima do segundo e por baixo do terceiro e assim sucessivamente. Portanto, existe uma relação de dependência entre estes anéis, do mesmo modo que entre os três registros. A partir daí Lacan aprofunda a definição destes conceitos.

O Imaginário pertence ao campo da consistência, do corpo, é aquilo que dá ao sujeito uma certa unidade corporal, uma certa consistência ao corpo: “A consistência(...) é da ordem Imaginária(p.66) Imaginário do corpo; o que se cogita(...)é, de certa maneira, o que o Imaginário retém como enraizado no corpo(...)O Imaginário é grudento”(Lacan, 1975, p.119)

Dentro desta consistência corporal há sempre algo que escapa, que fura, que rompe: é o que pertence ao universo Simbólico. Para Lacan o simbólico não é mais do campo da consistência e do corpo, mas da insistência e do furo “o buraco é bem o que é da ordem do Simbólico que fundei a partir do significante” (1975, p.82). Buraco fundamental que marca o campo da diferença, ele nos diz: “Freud refere-se à ideia de castração essencialmente dessa maneira, na qual a castração é uma transmissão manifestamente simbólica”(1975, p.83)

Assim tanto o simbólico quanto o imaginário pertencem ao campo das representações, mas existe algo do inconsciente que pertence ao universo do irrepresentável, ao que chamará de Real. Partindo da ideia de imaginário e simbólico, respectivamente, afirma que o Real não pertence ao campo da consistência nem da insistência, mas ao da ex-sistência. O que existe no campo do fora, fora das representações, pertence ao campo do irrepresentável, do impensável: “O Real é o que é estritamente o impensável(...) a ex-sistência não é no final das contas senão esse fora que não é um não-dentro(...) a ex-sistência está, por relação a esta correspondência, da ordem do Real. Que a ex-sistência do nó é Real”(1975, p.80).

O que pode nos ajudar a entender a ideia de ex-sistência é a resposta que Lacan teria dado a uma pergunta de Miller. Miller teria perguntado a Lacan se o sujeito do inconsciente é ser ou não ser. E Lacan teria respondido que o sujeito é pré-ontológico. Ou seja, ele é antes do ser, antes do universo das representações. O Real em Lacan, portanto, é tudo aquilo que vem antes do ser, que esta fora das representações, é aquilo que ex-siste.

A partir da definição dada sobre conceito de real, podemos começar então a desenvolver o conceito de suplemento na psicose. Lacan sempre usou a expressão suplência, mas acreditamos que de seu primeiro ao seu último ensino, o conceito de suplência foi sofrendo alterações, sendo que no último ensino esse conceito se aproxima muito menos da

ideia de suplência, como algo que vem se colocar no lugar de, mas como um acréscimo, um a mais, que chamaremos aqui de suplemento.

A metáfora delirante, por exemplo, pertence ao campo da suplência, enquanto a arte em Joyce pertence ao campo do suplemento. O suplemento que nasce de dentro deste Real, de dentro do primeiro tempo da psicose como vimos com Stevens, desta ex-sistência, deste fora que não é um não dentro. Jaques Derrida (1967) pode ajudar-nos muito a entender essa diferença, essa virada dada por Lacan em seu último ensino. Derrida define o seu conceito de suplemento que vem muito ao encontro da suplência desenvolvida por Lacan em seu último ensino. Derrida afirma que o suplemento acrescenta-se, é exterior, é um excesso. Ele não busca substituir algo anterior que foi perdido, é apenas uma a mais, uma mais em si mesmo, acréscimo de um vazio e não de uma falta de algo. Não há no suplemento nada do campo do natural:

O suplemento acrescenta-se, é um excesso, uma plenitude enriquecendo uma outra plenitude, a *culminação* da presença. Ele cumula e acumula a presença. É assim que a arte, a *tekhné*, a imagem, a representação, a convenção etc., vem como suplemento da natureza e são ricas de toda essa função de culminação (Derrida, 1967, p.177)

O autor dá mais um passo, e marca a diferença entre suplemento e complemento. Diferença que mostra exatamente aquilo que pretendemos sublinhar como a diferença entre suplência e suplemento do primeiro ao último ensino de Lacan

não se acrescenta simplesmente à positividade de uma presença, não produz nenhum relevo, seu lugar é assinalado na estrutura pela marca de um vazio. Em alguma parte, alguma coisa não pode preencher de *si mesma*, não pode efetivar-se a não ser deixando-se colmar por signo e procuração. O signo é sempre o suplemento da própria coisa (...) o suplemento é *exterior*, fora da positividade à qual se ajunta, estranho ao que, para ser por ele substituído, deve ser distinto dele. Diferentemente do *complemento*, afirmam os dicionários, o suplemento é uma “adição exterior” (Ibid, p178)

Para chegarmos ao suplemento em Lacan vamos retomar a discussão das relações entre o real, o simbólico e o imaginário, mas agora dentro do pensamento lacaniano sobre a topologia. Mostra-nos o que do campo da consistência, da insistência e da ex-sistência estão na constituição do sujeito, articulados entre si, amarrados uns nos outros:

Só encontrei uma única forma de dar a estes três termos, Real, Simbólico e Imaginário, uma mediada comum, que é enlaçando-os neste nó borromeano(...) Se de três vocês rompem um dos anéis, eles ficam livres todos os três, ou seja, os dois outros se soltam (Lacan, 1974, p.7)

Continuando sua articulação entre a psicanálise e a topologia mostra-nos o que faz com que esses três registros se articulem dessa maneira:

Sem o Complexo de Édipo, nada de maneira como ele se atém à corda do Simbólico, do Imaginário e do Real se sustenta (1975, p. 40) O complexo de Édipo é, como tal, um sintoma. É na medida em que o Nome-do-Pai é também o Pai do Nome, que tudo se sustenta (1975, p.23) Objeto a é o que pode atar com um quarto termo, o S, o Imaginário e o Real, naquilo que Simbólico, Imaginário e Real são deixados independentes, estão à deriva, em Freud, é enquanto isso que lhe é preciso uma realidade psíquica que ate essas três consistências (1975, p.39) O Pai, como nome(...) é esse quarto elemento(...) sem o qual nada é possível no nó do simbólico, do imaginário e do real (1975, p.163)

Como podemos ver em Lacan o que possibilita a articulação borromeana entre imaginário, simbólico e real é o Complexo de Édipo, o Nome-do-Pai, mas como vimos em Freud e Lacan a inscrição do Nome-do-Pai, a dissolução do complexo de Édipo pertence exclusivamente ao campo das neuroses. Então, diante da forclusão do Nome-do-Pai, da estrutura psicótica, como se fundariam os registros do Real, do Simbólico e do Imaginário?

3.2 – As diferenças entre neurose e psicose no último ensino de Lacan

Como vimos no sub-capítulo anterior, Lacan(1974-75) em seu Seminário XXII – RSI, aprofunda a definição dos conceitos de Real, Simbólico e Imaginário e mostra-nos como eles articulam-se. Entretanto, em seu Seminário XXIII(1975) vai nos mostrar que em alguns casos essa amarração borromeana entre os três registros não se constitui. Diante da *Verwerfung*, esses registros se apresentam desarticulados, soltos, e que é preciso a invenção de um quarto elo para amarrá-los.

Mas se a questão da psicose no último ensino é uma desamarração dos três registros, qual seria a diferença estrutural entre neurose e psicose nesse segundo momento do ensino de Lacan? Jaques-Alain Miller ajuda-nos a responder essa pergunta, para que num segundo momento possamos pensar a especificidade da psicose e sua clínica, no último ensino de Lacan.

Na Conversação de Arcachon Miller busca discutir essa questão. O ensino de Lacan sempre foi caracterizado pela diferenciação de uma tripartição: neurose-psicose-perversão; na clínica mais utilizada de forma binária entre neurose e psicose:

Um analista americano que encontrei outrora dizia, referindo-se a Psicologia do eu: para nós, it's wall paper”, não se liga mais para isso. O que para nós faz wall paper é a tripartição clássica neurose-psicose-perversão, reduzida no uso corrente ao binário neurose-psicose (Miller, 1999, p.104)

Como pensar essa diferença em seu último ensino: no campo dos nós? Miller começa a responder sobre essa diferença a partir de uma fala de Marie-Hélène-Brousse:

Num seminário havido em 1996 Jaques-Allain Miller colocava em evidência no ensino de Lacan duas formalizações da clínica: uma estruturalista, outra borromeana; uma descontinuista e categorial, a outra elástica e fundada sobre uma generalização da forclusão (Ibid)

Miller continua então sua reflexão. Primeiro busca entender a diferença entre o primeiro e o último ensino de Lacan e depois vai pensar a diferença entre neurose e psicose no primeiro ensino e também no último ensino. Mostra-nos Miller:

Que tipo de distância diferencial há ente um lado e o outro (...) Eis o problema do lado borromeano: onde está a oposição que satisfaria esse princípio lógico? É um problema (...) Do lado do binário clássico neurose-psicose, temos um traço distintivo pertinente, *Nome-do-Pai, sim ou não* (...) Em compensação (...) é mais difícil indicar precisamente qual é o elemento diferencial da segunda formalização. É mais uma gradação do que uma oposição definida que temos (Ibid)

O autor persegue então uma maneira de apontar a diferença entre neurose e psicose de dentro deste segundo registro, o borromeano, presente no último ensino de Lacan. A partir do conceito lacaniano de *point de capiton* (ponto de basta) Miller dá continuidade a sua reflexão:

Dito isso, pode-se, não obstante, construir uma oposição concernente ao segundo registro. Numa exposição, há vinte anos, na ocasião da Jornada dita dos Matemas, da Escola Freudiana de Paris, que dizia respeito ao ensinamento da apresentação de doentes de Lacan, eu opunha, se vocês estão lembrados, as doenças da mentalidade e as doenças do Outro (...) Guiando-me sobre isso, vou propor um traço diferencial: *ponto de capitoné, sim ou não*. (Ibid)

Aponta então, que no último ensino de Lacan, o que diferenciará a neurose e a psicose não será mais o Nome-do-Pai e sim o ponto de capitone (ponto de basta). A partir dessa

afirmação Miller desenvolve uma teoria onde o ponto de basta generaliza o Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai não será mais a referência, a base, o representante único da inscrição do sujeito no campo simbólico. Ou, sendo mais rigoroso dentro do último ensino de Lacan: não será a única saída para a amarração dos três registros, mas apenas uma dentre outras, reflexões que já estão presentes em Lacan, por exemplo, em seu seminário Os Nomes-do-Pai (1963).

é preciso generalizar o Nome-do-Pai. Este movimento está presente no ensino de Lacan. Tal como faço aqui sua inscrição, o ponto capitonê generaliza o Nome-do-Pai. Mas é uma abreviação: o ponto de capitonê em foco é menos um elemento do que sistema de atar, um aparelhamento fazendo ponto de capitonê, fivela, grampo. Quando não aparece o ponto capitonê, dizemos que surgiu o fenômeno do nevoeiro, isolado por Hervé Castanet. A oposição pertinente, no fundo, é ponto capitonê ou nevoeiro, ficando entendido que entre um e outro, há toda uma gradação a ser estudada. (Ibid)

A partir desta generalização do Nome-do-Pai, Miller dá o passo seguinte e foi o que determinou o nosso interesse nessa parte final da pesquisa de mestrado. Ele vai pensar então a especificidade da clínica das psicoses no último ensino de Lacan, onde o que vai amarrar os três registros será um outro ponto de basta que não o Nome-do-Pai.

Deffieux articula aqui a primeira e a segunda formalização, sem considerar que a segunda desmente a primeira: efetivamente são compatíveis. Portanto ela sublinha que ele, lacaniano da época borromiana, se assim posso dizer, será talvez o único a considerar esse caso na classe das psicoses, e que uma amarração sistemática pode prender sem apoio do Nome-do-Pai. É equivaler o sintoma ao Nome-do-Pai

$$\Sigma = NP$$

Essa fórmula é um princípio cardeal da clínica borromiana (...) o Nome-do-Pai, ele próprio não é nada mais do que um sintoma. Assim é que se obtém esse esquema bem simples, segundo o qual o ponto de capitonê PDC tem duas formas principais, o Nome-do-Pai e o sintoma, ficando entendido que o Nome-do-Pai, o próprio não vale mais do que um sintoma, e é um caso distinto de sintoma (Ibid)

$$PDC = \{NP$$

$$\{\Sigma$$

Como o Nome-do-Pai foi generalizado, esse outro ponto de ancoragem, de amarração, não tem mais um déficit em relação ao Nome-do-Pai, mas é um recurso como todos os outros. Esta é a construção teórica feita por Miller em seu retorno a Lacan, que nos permite pensar este terceiro capítulo: esta passagem da suplência ao suplemento. Aquilo que o sujeito psicótico inventa para amarrar os três registros será uma invenção como todas as outras, não há mais um déficit em relação as saídas encontradas pelo neurótico. As saídas encontradas pelo psicótico para lidar com a *Verwerfung* não serão mais então uma suplência, algo que vem se colocar no lugar de, no lugar do Nome-do-Pai, trata-se de um suplemento, um a mais, uma outra saída, outra amarração possível, outro sint(h)oma.

Deffieux acentua sobre o fato de não bastar repetir com Lacan que não há déficit, que o sujeito da psicose, como tal, não é deficitário, mas que é preciso ainda não abordá-lo a partir de um déficit de significante: “Estes sujeitos trazem uma verdadeira subversão à clínica das psicoses, tirando-lhe toda a referência a qualquer noção de déficit, aí compreendido significante (Ibid)

Para continuarmos definindo o conceito de suplemento, voltemos a Derrida, já com um maior esclarecimento, a partir de Miller, sobre essa diferença entre o primeiro e o último ensino de Lacan, da suplência (déficit ao Nome-do-Pai) ao suplemento (da invenção de outra amarração). Para explicar o suplemento Derrida demonstra a diferença entre a fala e a escritura. Comparação onde o autor afirma que a escritura é do campo do suplemento:

quando a fala fracassa em proteger a presença a escritura torna-se necessária. Deve com urgência, *acrescentar-se* ao verbo (...) Nesse sentido, ela não é natural (...) É a adição de uma técnica, é uma espécie de artil artificial e artificioso para tornar a fala presente quando ela está, na verdade, ausente. (Derrida,1967,p.177)

Podemos ver então que a característica marcante do suplemento é de não ser natural. Não advém de nada primeiro, é este acréscimo de si mesmo, um a mais exterior.

A partir desta reflexão inicial que construímos sobre o conceito de suplemento, com as importantes contribuições de Stevens, de Derrida e, principalmente, de Miller. Podemos agora, então, voltar a Lacan, para mostrar como ele construiu este conceito, percorreu esse caminho que foi trilhado a partir de Joyce.

Joyce foi um grande escritor, reconhecido mundialmente no final de sua vida. Lacan ao ler a obra do autor interessou-se por ele. Viu na obra de Joyce, a representação de uma forma de ver o mundo e as coisas de forma muito peculiar. Assim como Freud usou da leitura da obra de Schreber para escrever sobre a especificidade da psicose; Lacan, a partir de sua leitura da obra de Joyce, foi pensar a especificidade desta estrutura psíquica. Lacan diz:

O que lhe deixava mesmo enlouquecido era o pensamento de que todo mundo também sabia das reflexões a mais que ele se fazia com relação ao que considerava com falas que lhe eram impostas. Ele era, portanto, tal como ele se exprime, telepata emissor. Dito de outro modo, não tinha mais segredo, reserva alguma. Foi precisamente o que o fez cometer a tentativa de acabar com aquilo, o que chamamos de tentativa de suicídio, que também era o que o fazia estar ali e o que, em suma, me fez interessar por ele”(1975, p.93)

A partir da percepção de Lacan desta falas impostas vividas por Joyce, da ausência de reservas, segredos, o autor irá tentar pensar a relação entre a especificidade da experiência e suas reflexões sobre a topologia

Se o ego é dito narcísico, é porque, em certo nível, há alguma coisa que suporta o corpo como imagem. No caso de Joyce, o fato de não haver interesse por essa imagem naquela ocasião não é o que assinala que o ego tem nele uma função particularíssima? E como escrever isso em meu nó bo? (Ibid, p.146)

O que ocorreu com Joyce foi que, diante da Verwerfung, da foraclusão do Nome-do-Pai, esses três registros não puderam se amarrar borromeamente. Diante da desarticulação do simbólico, do imaginário e do real, a experiência vivida por Joyce era muito fragmentada, muito desarticulada, como era sua forma de relacionar-se com seu corpo. Entretanto, Lacan vai mostrar-nos que através de sua escrita, Joyce irá inventar uma maneira de enodar esses registros, apesar da foraclusão:

o que proponho aqui é considerar o caso de Joyce como respondendo um modo de suprir um desenodamento do nó(p.85) Trata-se de alguma coisa que permite ao simbólico, ao imaginário e ao real continuarem juntos, ainda que, devido a dois erros, nenhum mais segure o outro(...) Pensei que aí estava a chave do que aconteceu com Joyce(...)ao se pretender um nome, Joyce fez compensação da carência paterna(p.91) Por esse artifício de escrita, recompõe-se, por assim dizer, o nó borromeano”(Ibid, p.148)

Como podemos ver, Lacan fala que Joyce “responde a um modo de suprir um desenodamento do nó”. Ao suprir um desenodamento estamos, portanto, diante do trabalho de uma suplência. Mas uma suplência que não se pretende mais colocar-se no lugar de, mas deste a mais, deste suplemento. Joyce recompõe o nó através de sua escrita. Trata-se de uma amarração que não se dá através de uma metáfora delirante por exemplo. Não está apenas no campo do pensamento, mas algo que pertence ao campo do ato, da escrita, da letra. Trata-se, como veremos no próximo capítulo com Miller, de uma invenção psicótica.

Capítulo 4 – Da forclusão generalizada à invenção psicótica

4.1 A forclusão generalizada: um retorno de Miller a Lacan

Em seu texto *Forclusão Generalizada* (1987) Jaques-Alain Miller traz uma nova reflexão sobre as diferenças entre neurose e psicose, que se dá a partir de uma passagem feita por Miller, do primeiro ao último ensino de Lacan. Para chegar ao conceito de forclusão generalizada ele parte antes do conceito de Outro em Lacan.

Miller traz a discussão sobre a ideia comunicação, ao dizer que ela é sempre e apenas um semblante. Entre o que eu quero dizer ao outro e o que ele escuta há sempre um *gap*, um intervalo, um furo. Essa comunicação nunca é completa, absoluta, porque há na linguagem algo que escapa ao campo do sentido, algo que é puro significante. Portanto, daquilo que o outro me diz, só posso receber uma parte; há algo que sempre escapa. Por isso a comunicação é apenas um semblante de comunicação “Toda comunicação é apenas semblante de comunicação, na medida em que *o Outro não existe*” (Miller, 1987, p.16). Entretanto, o autor vai demonstrar que na psicose essa mediação, esse intervalo não está dado. O Outro se apresenta sim de forma crua e direta:

Dizer que o Outro não existe não significa, evidentemente, que ele não funcione. É preciso precisar o termo *existir*. Em certo sentido, poderíamos dizer que o Outro não existe exceto na psicose. Nessa perspectiva, é somente na psicose que a comunicação não é um semblante, onde ela reaparece verdadeiramente no real sob a forma de injúria (Ibid)

Para aprofundar essa diferença Miller retorna a questão da relação entre o gozo e o significante. Onde o significante é o que vai poder diluir um pouco a força do gozo “a é aquilo que do gozo não tem significante. Em relação a essa definição, o falo adquire sua verdadeira função e lugar, como aquilo que do gozo tem um significante” (Miller, 1987, p.21).

Portanto é o falo que assume esse lugar, que nomeia o gozo, que barra o Outro. Quando o falo não se constitui, não se apresenta, o gozo é sem mediação, puro gozo, pura injúria. Essa passagem entre o discurso e o gozo sem mediação; entre o semblante da comunicação e a comunicação crua ao Outro, é o que Miller vai chamar de uma transferência do Simbólico ao Real.

Será aqui, portanto, que marcará a passagem do primeiro ao último ensino de Lacan. A diferença entre a neurose e a psicose não seria mais, o Nome-do-Pai: sim ou não, mas uma relação com a linguagem onde, na neurose ela é, prioritariamente, atravessada pela mediação do simbólico e na psicose é vivida, fundamentalmente, no campo do real. Diz Miller, remetendo-se a Lacan:

Ele assinala (...) que o essencial (...) é (...) a forclusão, ou seja, que a palavra (...) seja escutada no real como uma certeza, quando, definitivamente, a injúria não foi pronunciada. Em outras palavras, o importante é a mudança de registro, que chamei de transferência do simbólico ao real. Faço um paralelo entre a forclusão e a comunicação porque, qual é a problemática da comunicação senão a do deslocamento do sujeito ao Outro e vice-versa? De fato, essa estrutura não está sustentada pela transferência do sujeito ao Outro, mas da transferência do simbólico ao real. Trata-se, portanto, de uma relação muito diferente, e isso é fundamental (Ibid, p. 29)

Entretanto marcará que esse real se apresenta em todos nós. Há algo do sem nome, do irrepresentável que se coloca para todos. A diferença é que o neurótico vai criar recursos de mediação através do simbólico e do imaginário, a partir de um discurso estabelecido e o

psicótico, fora do discurso, precisa inventar este recurso de mediação ali de dentro do real mesmo. Mas Miller insiste que o real está dado para todos, e é a partir daí que ele generaliza a foraclusão:

Entendemos, assim, o que é a foraclusão: não é simplesmente o *não há, não há Nome-do-Pai*, mas sim uma rejeição *no* real (...) A consequência disso no modo generalizado da foraclusão (...) é que existe para o sujeito um sem nome, um indizível. A questão então é saber que função consegue domesticar esse sem nome. Dado que a rejeição do gozo se produz em todos os casos, a questão é saber o que a domestica. Pois bem o sintoma leva a cabo a contenção. (Ibid, p.31)

Mas como vimos com Miller no capítulo anterior, o último ensino de Lacan não substituiu o primeiro. Existe sim uma diferença estrutural entre a neurose e a psicose, como diz Miller “uma diferença fundamental”, mas esta diferença não está mais, no último ensino de Lacan, ligada a um déficit da psicose em relação à neurose, Nome-do-pai: sim ou não, mas dessa diferença entre o deslocamento do sujeito ao Outro à transferência do simbólico ao real.

Essa contribuição de Miller e de Lacan é muito importante para pensarmos a clínica das psicoses e o trabalho na saúde mental de uma forma geral. Esta hipótese vem ao encontro da desconstrução, iniciada na reforma psiquiátrica, que é “melhor ser neurótico do que psicótico”. Ou que “a psicose é mais grave do que a neurose”, entre outras ideias deste tipo. Trata-se apenas de duas maneiras completamente diferente de lidar com o mundo e as coisas. Tanto o neurótico quanto o psicótico podem viver suas vidas, dentro dessa diferença fundamental, sem grandes transtornos, sem precisar de nenhum tipo de tratamento. Também, ambos, podem ter dificuldades graves em lidar com sua existência e, portanto, precisarem de tratamento.

No que tange ao tratamento na clínica das psicoses esta contribuição de Miller em seu retorno ao último ensino de Lacan, ajuda-nos muito a pensar outras saídas, outras construções possíveis a serem realizadas pelo psicótico. O que poderia domesticar esse gozo, esse real sem mediação, esse sem nome? Voltando a Stevens, em seu retorno a Freud, poderíamos dizer que essa domesticação pode ser dada de duas maneiras, uma que age sobre o segundo tempo da psicose, na maioria das vezes caracterizado pela metáfora delirante, e uma outra maneira, aquela que age sobre o primeiro tempo da psicose, e que teria uma função estabilizadora ainda maior.

A metáfora delirante, portanto, age nesse segundo tempo. Tenta, como suplência, substituir o Nome-do-Pai foracluído. Como vimos com Schreber, o mesmo busca junto com Deus construir uma nova raça de homens, onde a experiência que antes era invasiva e persecutória passa a ser organizadora e estabilizadora, ou seja, a metáfora delirante dá sentido a essa experiência invasiva do real. No próprio caso Schreber vimos que esse recurso foi frágil, não durou muito tempo, e mais tarde Schreber voltou a ter surtos e ser internado novamente.

Já a arte, a invenção psicótica de uma forma geral, como um suplemento, age já neste primeiro tempo da psicose. Não busca apenas substituir algo que foi perdido, mas inventar algo novo, como um a mais. No lugar do corpo “sem casca” de Joyce se escreve um nome, um outro nome: James Joyce, intervenção essencialmente psicótica, posição subjetiva mais coerente e firme da própria psicose que nega qualquer tentativa de estipular normas. Trata-se de uma intervenção que não é mais do campo do pensamento, das representações simbólicas, muito menos do campo do sentido, mas do campo do ato, no corpo mesmo do real.

Por isso consideramos tão importante pensar este conceito de invenção psicótica de Miller, da contribuição de Lacan a partir de Joyce, para que, na clínica das psicoses,

estejamos sempre atentos as duas possibilidades sem nunca desprezar a primeira em detrimento da segunda. De continuarmos dando valor à metáfora delirante, quando ela é a saída encontrada pelo psicótico, mas de também estarmos atentos às invenções que o sujeito pode produzir de dentro de sua própria existência.

Para compreendermos melhor a importância desta outra saída possível que o psicótico pode produzir, aprofundaremos então a reflexão sobre o conceito de invenção psicótica cunhado por Jaques-Allain Miller.

4.2 – A invenção psicótica

O conceito de invenção psicótica foi cunhado por Jaques Allain-Miller (2003). Em seu retorno a obra lacaniana ratifica que Lacan deu um passo além de Freud e mostrou que além da função estabilizadora da metáfora delirante, existe algo que o sujeito psicótico pode inventar para estabelecer uma relação possível com o Outro e com o corpo. Para discutir esse conceito Miller parte de uma diferença fundamental: a diferença entre a ideia de criação e a ideia de invenção.

O conceito de criação nasceu da religião. Tudo aquilo que foi criado adveio de alguma coisa primeira, de algo fundador, de uma base pré-determinada, que a religião chamou de Deus. O psicótico não cria nada, ele inventa. A invenção sim é original, singular e primeira; não há nada atrás, não existe uma essência, não resta nada anterior. O resto é a própria coisa. “O termo invenção se opõe naturalmente ao termo criação (...) a invenção se opõe habitualmente à descoberta. Descobre-se o que já está lá, inventa-se o que não está” (Miller, 2003, p.6).

O conceito de suplemento que estamos aqui construindo, a partir da ideia de suplência no último ensino de Lacan, tem esse sentido. O suplemento acompanha a ideia de invenção cunhada por Miller. O suplemento (como vimos no caso de Joyce, por exemplo) tem essa característica diferente da suplência. Não há essência, não há nada por traz. Não se substitui nada anterior que foi perdido.

O suplemento é a afirmação de uma diferença. Este a mais que o sujeito psicótico pode inventar e que terá função fundamental no processo de estabilização. Derrida, novamente, ajuda-nos a pensar a especificidade do suplemento. É uma peça de origem, a essência de não ter essencialidade alguma:

Trata-se, pois, de um suplemento originário, se se pode arriscar essa expressão absurda, inteiramente inaceitável numa lógica clássica. Ou antes, suplemento de origem: que supre a origem desfalecente e que, contudo, não é derivado; este suplemento é, como se diz de uma peça, de origem (...) a estranha essência do suplemento é precisamente não ter essencialidade (...) o suplemento não é nem uma presença nem uma ausência. Nenhuma ontologia pode pensar a sua operação (Derrida, 1967, p.383).

O conceito de suplemento desconstrói então a ideia de que há algo primeiro que não se inscreveu e que tem que ser suprido. Trata-se de “uma peça de origem”, de uma invenção. Mas o que seria esse algo primeiro que não se inscreveu? Em termos psíquicos, ao que Miller estaria se referindo quando aponta a diferença entre invenção e criação? Talvez seja, exatamente, o que vimos no capítulo anterior com Lacan: o significante Nome-do-Pai. É a partir desse significante, fundado pela castração, que permite ao neurótico a criação de uma cadeia significante, uma rede que coloca o sujeito no campo das relações, que marca um discurso estabelecido. Mas o psicótico está fora desse discurso, sua relação com o significante é crua, direta, é preciso então inventar um discurso. Mostra-nos Miller ao citar Lacan em seu texto:

Gostaria de lembrar esta citação de Lacan do *Seminário 3*, que mostra que a invenção está condicionada pelo que há de mais essencial na psicose: “O sujeito psicótico está numa relação direta com a linguagem em seu aspecto formal de significante puro. Tudo que se constrói ali não passa de relações de afeto ao fenômeno primeiro, a relação com o significante” (Miller, 2003, p.12).

É deste conceito de construção em Lacan que ele cria seu conceito de invenção “Aquilo que Lacan chama de construção é para nós esta noite a invenção” (2003, p.12).

Então como faz o sujeito psicótico para inventar esse discurso? Como vimos com Miller, para o neurótico o discurso já está dado de antemão, ele já está estabelecido, mas ao psicótico, diante da forclusão do Nome-do-Pai, é preciso que um discurso venha a ser inventado. Di Ciaccia em seu trabalho com as crianças autistas e com sua leitura de Lacan, nos mostra que o psicótico está na linguagem, mas não está no discurso “Para Lacan, a criança autista está na linguagem, mas não no discurso. Estar no discurso quer dizer, mesmo que não se saiba disso, saber se virar com os diversos laços sociais que se instauram entre os seres falantes” (Di Ciaccia, 2005, p.34).

Para pensar como o psicótico constitui esse movimento de invenção Miller marca antes uma outra diferença: a da invenção do paranoico, da invenção do esquizofrênico. Tratam-se de duas estruturas psicóticas diferentes. O paranoico precisa inventar uma relação possível com o Outro, enquanto a situação do esquizofrênico é anterior, ele precisa inventar uma relação possível com o corpo que ainda não foi estabelecida.

O dito esquizofrênico, Lacan o considera como caracterizado pelo fato de que, para ele, o problema do uso dos órgãos é especialmente agudo e que ele deve ter recursos sem o socorro de discursos estabelecidos, ou seja, ele é obrigado a inventar um discurso, é obrigado a inventar seus socorros, seus recursos, para poder usar seu corpo e seus órgãos (...) Mas as invenções paranoicas não são do mesmo registro que as invenções esquizofrênicas. Elas

incidem basicamente no laço social. Para o paranoico, não se trata do problema da relação com o órgão ou com o corpo, mas do problema da relação com o Outro. Ele é então levado a inventar uma relação com o Outro (2003,p.11)

Essa diferença entre a paranoia e a esquizofrenia foi muito bem descrita por Freud, no último capítulo de suas reflexões sobre o Caso Schreber. O ser humano vive uma passagem fundamental na vida, do auto-erotismo ao narcisismo e outra que é do narcisismo às relações objetais. Mas o esquizofrênico tem uma fixação no auto-erotismo e o paranoico no narcisismo:

Disto pode se concluir que, na paranoia, a libido liberada vincula-se ao ego e é utilizada para o engrandecimento deste. Faz-se assim um retorno ao estágio do narcisismo (que reconhecemos como estágio do desenvolvimento da libido), no qual o único objeto sexual de uma pessoa é seu próprio ego. Com base nesta evidência clínica, podemos supor que os paranoicos trouxeram consigo uma fixação no estágio do narcisismo (p. 96). Na esquizofrenia, o prognóstico, em geral, é mais desfavorável do que na paranoia. A vitória fica com a reconstrução. A regressão estende-se não simplesmente ao narcisismo (manifestando-se sob a forma de megalomania), mas a um completo abandono do amor objetal e um retorno ao auto-erotismo infantil. A fixação disposicional deve, portanto, achar-se situada mais atrás do que na paranoia (Freud, 1911, p. 102).

Como vimos com Freud, Lacan e Miller, há uma diferença importante entre a paranoia e a esquizofrenia. O paranoico pode chegar há uma condição narcísica, um recurso imaginário que permitiu a construção de um corpo, mas esse corpo não consegue estabelecer uma relação com o Outro, pois falta, como vimos em Lacan, um recurso simbólico de mediação fundamental: o Nome-do-Pai; cabe então ao paranoico inventar este recurso.

Na esquizofrenia o conflito é anterior. Sem ter se aproximado do narcisismo e tendo ficado preso ao universo auto-erótico, o esquizofrênico não pode construir um corpo, ele precisa, portanto, inventá-lo. Miller nos indica então qual seria a função do psicanalista na busca de ajudar o esquizofrênico a construir seu corpo:

Há as invenções bem sucedidas, as fracassadas, e o recurso à invenção que a relação com o analista pode representar, o auxílio à invenção de recursos para sustentar o corpo. No caso, sustentar-se como um pilar para o endereçamento do esquizofrênico pode ter função de amarração. A invenção de amarração corporal é um grande registro que pode ser estudado (Miller,2003,p.15)

Miller nos convoca mais uma vez a pensar o lugar do analista na clínica das psicoses, a partir do último ensino de Lacan. De como deve ser orientada a prática psicanalítica na tentativa de ajudar o sujeito psicótico a inventar essa amarração corporal (na esquizofrenia) e amarração com o Outro (na paranoia). Esta proposta de Miller é fundamental. Diferente do primeiro ensino de Lacan em seu retorno a Freud, aqui Lacan não aposta apenas nas construções imaginários do sujeito psicótico e da importância da metáfora delirante. Há uma outra aposta numa proposta de invenção. “Joyce inventa uma função completamente inédita para o órgão linguagem, não a comunicação, mas uma forma de literatura inédita, que não fez escola” (Miller, 2003, p.14). Invenção com função de amarração, que parece se apresentar como uma solução muito mais consistente para o psicótico lidar com sua existência e que pode colocá-lo muito mais inserido no laço social.

O último ensino de Lacan parece apostar, mais fortemente, nas possibilidades que a teoria psicanalítica pode ter a oferecer na busca da construção de uma intervenção mais eficaz na clínica das psicoses. O lugar do psicanalista não seria apenas o de dar valor e escutar a construção das metáforas delirantes, mas o de ajudar o psicótico a inventar saídas, a inventar objetos de amarração, de inventar sua arte.

CONCLUSÃO

No desenvolvimento desta dissertação foi discutido o conceito de estabilização na clínica das psicoses. Que como já vimos não se trata da estabilização do sensu comum. A estabilização como harmonia, como equilíbrio. Mas de uma estabilização que torne mais possível ao psicótico uma relação com Outro e com o corpo. Que permita ao sujeito estar mais próximo do laço social.

A estabilização na clínica das psicoses: da suplência a invenção de um suplemento. A dissertação mostra então essas duas diferentes possibilidades que marcam essa estabilização. Um primeiro que é representado fundamentalmente pela metáfora delirante. Que dá um sentido às experiências invasivas do real, e dão um apaziguamento e uma estabilização ao sujeito psicótico. Como suplência ela vem se colocar no lugar do Nome-do-Pai foracluído.

Mas há também um segundo momento. Uma outra possibilidade de estabilização. Aquele que não é mais do campo da metáfora delirante. Não é mais da leitura de Freud e do primeiro ensino de Lacan. Mas aquilo que pertence às reflexões do último ensino de Lacan. Uma estabilização que se dá através de um suplemento. Que não se propõe a se colocar no lugar de nada: trata-se de uma invenção. Invenção essa que age no primeiro tempo da psicose. E tem uma função de laço social ainda mais eficaz e mais potente que a metáfora delirante.

Mas quando o psicótico recorrer à primeira e quando recorre à segunda possibilidade? O que deve fazer o psicanalista? O que o último ensino de Lacan influenciou no primeiro e no pensamento freudiano sobre as psicoses?

Marcamos então uma questão que considero muito importante, e que norteia a minha prática clínica. E está na base do que tentei transmitir nessa dissertação: A estabilização na

clínica das psicoses: da suplência a invenção de um suplemento. Quero falar dessa passagem, da suplência ao suplemento, do 1º ensino de Lacan em seu retorno a Freud ao seu último ensino. Nessa passagem: do que se põem no lugar de, ao que se inventa como um a mais. Nessa passagem não penso de forma alguma que o último ensino de Lacan se propõem a colocar-se no lugar de seu primeiro ensino, nem no lugar do pensamento freudiano.

Quando o psicótico recorre à metáfora delirante? Quando ele busca sua invenção? Trata-se sempre do caso a caso. Cabe ao analista estar atento e apostar na possibilidade que o próprio psicótico mostra ser sua saída, suas possibilidades.

Essa dissertação não pretende, portanto, pensar num outro saber-fazer, que venha a substituir uma proposta anterior. Ao meu ver, a proposta feita por Lacan em seu último ensino, e retomada por Miller, não tem de forma alguma a função de criar uma teoria que vai se colocar no lugar de uma anterior. Que vai substituir o primeiro ensino de Lacan em seu retorno a Freud. No campo do universo teórico não se trata de uma suplência, uma substituição teórico-clínica. Trata-se de um suplemento. De uma a mais. De uma invenção lacaniana.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, J. *Gramatologia*, Perspectiva, São Paulo, 1967.

DI CIACCIA, A. A prática entre vários. In: MELLO DE LIMA, M; ALTOÉ, S.

Psicanálise, clínica e instituição. Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos, 2005.

FREUD, S. *As neuropsicoses de defesa (1894)*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. III.

_____. *Neurose e Psicose (1923)*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974. V. XIX.

_____. *A perda da realidade na neurose e na psicose (1924)*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIX.

_____. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides) (1911)*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XII.

_____. *Esboço de psicanálise (1938[1940])*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXIII.

FIGUEIREDO, A. C. A função do psicanalista (e da psicanálise) na clínica da atenção psicossocial. *Psicanálise e os desafios da clínica na contemporaneidade*. Salvador: EDUFBA, 2007 (Série Teoria da Clínica Psicanalítica, n. 2).

_____. Três tempos da clínica orientada pela psicanálise no campo da saúde mental. In: GUERRA; MOREIRA (Org.). *A Psicanálise nas Instituições Públicas: saúde mental, assistência e defesa social*. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2010. v. 1, p. 11-18.

JULIEN, P. *Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

LACAN, J. *O seminário: Livro III – As psicoses(1955-56)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. *O seminário: Livro VII – A ética em psicanálise (1959)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. *O seminário: Livro X – A angústia(1962-63)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. *O seminário: Livro XI – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise(1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. *O seminário: Livro XVII – O avesso da psicanálise(1969-70)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. *O seminário: Livro XXII – RSI(1974-75)*. Tradução não oficial.

_____. *O seminário: Livro XXIII – O Sinthome(1975-76)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. *Os Escritos (1966)* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MILLER, J. A. *A invenção psicótica, Opção lacaniana No 36*, Revista brasileira internacional de psicanálise da EBP, São Paulo, Edição edia, 2003.

_____. *Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica: A conversação de Aracachon, 1999*.

_____. *Matemas I*, Rio de Janeiro, Zahar, 1996.

_____. *Foraclusão generalizada*, 1987.

MILNER, J-C. *O amor da língua*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

MUÑOZ, M. N. *Do amor à amizade na psicose: contribuições da psicanálise ao campo da saúde mental*, Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 87-101, março 2010.

SAUSSURE, F. *Natureza do signo linguístico* in: Curso de Linguística Geral, São Paulo, Cultrix, p. 79-84, 1970.

SCHREBER, D.P. *Memórias de um doente dos nervos (1905)*, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

STEVENS, A. *Delirio y suplência*, Revista Lazos ano I numero 1. Editorial Fundacion Ross, Argentina, 1995.

TENÓRIO, F. *A psicanálise e a clínica da reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

VIDAL, P. *Duas ou três notas sobre a interpretação nas psicoses*. Rio de Janeiro: Revista AdVerbum, 2010.

_____. *Declinando o declínio do pai*, Rio de Janeiro, Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ, 2005.

ZENONI, A. *Qual instituição para o sujeito psicótico? Psicanálise e instituição – A segunda clínica de Lacan*. Abrecampos, Belo Horizonte, 2000.